09-09-2025

O Parangolé do Coletivo Burum (IV)

Adelany França

[Mestre em Educação Profissional em Saúde. Escola Politécnica Joaquim Venâncio/Fiocruz]

VAMOS CONTINUAR A NOS ENVOLVER COM AS DESCOBERTAS DO COLETIVO BURUM?

De volta! Vamos partilhar mais de nossa experiência BURUM com vocês! Em nossa experiência BURUM, cada dia construindo "Um Brasil de toda gente mesmo", lugar de troca, de fortalecimento das relações e entrega do seu vulnerável com confiança e uma generosidade para o cuidado do outro que é "gente mesmo", com a essência em uma humanidade nos permitimos apenas ser quem somos e, assim, sentir o amor das outras pessoas sem reservas, aqui paramos para chorar, para rir, às vezes corremos e às vezes paralisamos e tudo é do jeito que é. Temos em nosso grupo duas fluminenses, o Rio de Janeiro é o estado em que se localiza a nossa Escola e o sudeste está por aqui. Aqui vai mais um trecho de nossas falas. ***"Não acreditei quando vi meu nome na lista de aprovados do mestrado. E ficava imaginando como seria essa jornada de forma virtual em meio a uma pandemia e um trabalho híbrido em CAPSI com inúmeras demandas de atenção na crise. Lembro que na primeira aula já estávamos discutindo Machado de Assis. E fiquei encantada com o privilégio de ler esse autor por completo, já que nunca havia lido uma obra completa dele a não ser fragmentos. Logo, senti-me à vontade para falar: e pensava comigo... que turma bacana, com múltiplas experiências, acho que encontrei o que estava buscando! Confesso que ir para o mestrado era um refúgio ou mesmo um escape do meu trabalho, um local que já estava me causando sofrimento há tempos. Mas no decorrer das aulas me senti muito sozinha, pois não conhecia ninguém e por ser uma pessoa mais tímida ficava com a câmera, na maior parte das vezes fechada. Lembro de um momento muito sofrido para mim, quando foi preciso criar duplas para as primeiras apresentações de trabalho. E percebi que ninguém havia colocado o nome para fazer a apresentação comigo e pareceu como algo despercebido para turma, e eu pensava comigo será que estou invisível aqui? Meu nome estava na listagem, mas não chegou companhia para apresentação. Foi um momento que me senti muito sozinha e a mesma sensação gerada no meu espaço de trabalho. Cheguei a pensar que as pessoas não se sentiram à vontade em fazer o trabalho comigo por não me acharem capaz ou inteligente suficiente para compor uma parceria. Peguei um texto que falava sobre as influências dos organismos internacionais nas políticas públicas, principalmente, na saúde e educação. Mesmo lendo o texto mais de 30 vezes não conseguia formular uma questão para apresentar em aula. Fiquei tão nervosa que minha internet na hora também travou. Quando retornei, falei do meu jeito, mas percebi que não era exatamente a forma como gostaria de transmitir e a pergunta pareceu chegar meio enviesada para os professores. Eu saí da aula e logo tive uma crise de enxaqueca e todos os sentimentos que me fizeram buscar o mestrado pareciam me perseguir também naquele tarde de muita insegurança. Sentimentos como solidão, tristeza, incapacidade e desistência passaram não só pela minha cabeça, mas como por todo meu corpo. Um corpo que já vem de várias histórias de lutas para conseguir subir pequenos degraus e romper as barreiras postas socialmente. Porém, a sensação que eu sentia era que talvez esse corpo não aguentaria passar por mais esse processo, ou melhor, percorrer novamente um caminho a fim de buscar adequação e aceitação nos espaços. Ainda assim, mantive-me no mestrado. Entretanto, mais calada do que nunca. A câmera? Nem abria mais. Após uma confusão de distribuição de grupos de trabalho meu nome foi incluído em um coletivo que parecia já ter, minimamente, uma sintonia... cheguei depois. Só ouvia! Mas aos poucos fui me sentindo parte e compartilhando as minhas fragilidades e inseguranças. Foi libertador poder transmitir de forma transparente o que eu estava sentindo. Essas meninas/ mulheres me deram forças para continuar.***

E suas estórias de vidas foram se conectando com as minhas. Comecei a me sentir mais viva, mais confiante, mais parte não só do universo acadêmico, que por vezes é permeado de vaidades, e sim, parte acolhida em uma rede de cuidado do meu jeitinho. Isso tudo a partir de uma tela de celular ou computador atravessado por milhares de quilômetros de distância, mas que trazia um afeto inexplicável para dentro do meu lar".

Não utilizamos o "conta-gotas" para o amor, para o contribuir, para o cooperar. A disposição de todas nós era de nos oportunizar para uma grande entrega mútua. Seguimos caminhando e a cada armadilha em que uma de nós se via, já seguia o alerta para todas, e assim conseguimos caminhar juntas e uma por todas e todas por todas, numa comunicação que entregava o respeito ao que foi dito, numa experiência que acolhemos nossas vulnerabilidades sem véus, levando muito a sério a ternura e o afeto, e íamos nos percebendo em nossas essências desde o primeiro contato no cuidado umas com as outras, e nos permitimos, na delicadeza de cada passo para a entrega e verdade do cuidar, construindo um sagrado que se fez afeto. Descobertas em um véu de solidão! Como foi intenso e maravilhoso saber que na trajetória solitária de uma dor, podemos juntas sem intenções alcançar o ponto da alma que desenrola o sangue preso que faz arder e que nos força a fechar os olhos para conseguir passar a tormenta. A aflição instalada e invisível aos olhos de todos e aos poucos na delicadeza e sutileza do cuidado conseguimos fazer o resgate de uma vida que estava desacordada pela pressão diária e pelo desgosto e gosto amargo da exclusão e invisibilidade, sentimento que se faz tantas vezes na jornada acadêmica. (...) ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.